


INSTITUTO	
	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	DOU - Seco 1 (6)
Data	10/01/2000 Pg 3-6
Class.	PBD pp 382

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

DESPACHO Nº 1, DE 6 DE JANEIRO DE 2000

Assunto: Processo FUNAI/BSB/3438/81. Referência: Terra Indígena MOSKOW. Interessado: Grupo Indígena Wapixana. EMENTA: Aprova o relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena a que se refere, com fulcro no Decreto nº 1.775, de 8 de janeiro de 1996.

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, tendo em vista o que consta no Processo FUNAI/BSB/3438/81, e considerando o Resumo do Relatório de Identificação, de autoria do antropólogo EDISON NETTO LASMAR que acolhe, face as razões e justificativas apresentadas, decide:

1. Aprovar as conclusões objeto do citado resumo para afinal, reconhecer os estudos de identificação e delimitação da Terra Indígena MOSKOW, de ocupação tradicional do respectivo grupo tribal Wapixana, coordenados pelo antropólogo Edison Netto Lasmar com superfície e perímetro aprovados de 14.200 hectares e 56 km respectivamente, localizada no município de Bonfim, Estado de Roraima.

2. Determinar a publicação no Diário Oficial da União e Diário Oficial do Estado de Roraima, do Resumo do Relatório Circunstanciado, Memorial Descritivo, Mapa e Despacho, na conformidade do § 7º do art. 2º do Decreto nº 1.775/96.

3. Determinar que a publicação referida no item acima, seja afixada nas sedes das Prefeituras Municipais da situação do imóvel.

CARLOS FREDERICO MARÉS DE SOUZA FILHO

RESUMO DO RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA MOSKOW

Referência: Processo FUNAI/BSB/3438/81. Terra Indígena: Moskow. Localização: Município de Bonfim, Estado de Roraima. Superfície: 14.200 ha. Perímetro: 56 km. Sociedade Indígena: Wapixana. População: 272 habitantes (1997). Identificação e Delimitação: Grupo Técnico constituído pela Portaria nº 1186/PRES, de 18 de novembro de 1997, coordenado pelo antropólogo Edison Netto Lasmar.

INTRODUÇÃO:

Em 1981, com a expedição da Portaria 950/E, foi instituído o GT que identificou e delimitou a Terra Indígena Moskow, com superfície aproximada de 13.750 ha e 50 km de perímetro. Pela Portaria nº 1443/E, de 05 de outubro de 1982, ela foi declarada como de ocupação permanente dos índios Wapixana e Makuxi e teve seu nome alterado para Recanto da Saudade. O levantamento fundiário determinado pela Portaria nº 1533/E, de 03 de agosto de 1983, no entanto, não foi realizado face às hostilidades de ocupantes não índios. Já em 1986, em cumprimento ao exposto na Portaria MI nº 171/86, técnicos da FUNAI, INCRA e Governo do Território Federal de Roraima fizeram um acordo com os índios onde ficou acertado que caso eles abrissem mão da área da Colônia São Francisco (ex - Nova Esperança), implantada no interior da terra indígena em 1983 pelo Governo do então Território Federal de Roraima, a demarcação aconteceria em no máximo 90 dias. Os índios abriram mão da área mas a demarcação não aconteceu. A Comissão Especial de Análise - CEA, criada pela Portaria nº 398/ FUNAI, de 26 de abril de 1991, exarou o Parecer nº 27/92, de 28 de agosto de 1992, onde concluiu que face à omissão da FUNAI em relação à Terra Indígena Moskow, que gerou instabilidade na região sobre os limites da área, e frente à invasões indiscriminadas, deveria ser realizado seu reestudo e o levantamento fundiário dos ocupantes não índios nela incidentes. O nome da terra indígena foi alterado novamente para Moskow pela Portaria nº 773/PRES, de 24 de agosto de 1993 e a comunidade indígena passou a manifestar-se, agora seguidamente, junto às autoridades solicitando sua demarcação. Face ao exposto, e havendo dúvidas sobre a real localização do igarapé Deus é Pai e cabeceiras dos igarapés Cumacá e Manoá, foi exarada a Portaria nº 1186/PRES, de 11 de novembro de 1997, que instituiu o Grupo Técnico que realizou o reestudo de parte dos limites dessa terra. Esta Portaria foi alterada pelas de números 1253/PRES, de 24 de novembro de 1997, que indicou um técnico ambiental para compor o GT e 1366/PRES, de 30 de dezembro do mesmo ano, que prorrogou por quinze dias o prazo para a realização do levantamento fundiário. A Portaria nº 269/PRES, de 27 de março de 1998, prorrogou o prazo da entrega do relatório em 90 dias.

I - DADOS GERAIS

A Terra Indígena Moskow (ex - Recanto da Saudade), é de ocupação tradicional dos índios Wapixana, tal como definido na Constituição Federal. Localiza-se na região da Serra da Lua, nordeste do Estado de Roraima. Regionalmente esta região composta de campos ou savanas é conhecida como *lavrado*, cuja paisagem se caracteriza por possuir formações montanhosas entremeadas de campos e matas. Os Wapixana são o único grupo

indígena de filiação lingüística Aruák do lavrado, que abriga ainda em sua parte brasileira grupos de outras filiações lingüísticas, principalmente do tronco Karib, como Makuxi, Ingarikó e Patamona. Há registros históricos de maior diversidade étnica nesta área, incluindo os Máku e grupos de línguas isoladas. A maioria dos habitantes da área fala o Wapixána, inclusive as crianças. A língua portuguesa é de domínio amplo, enquanto o idioma inglês é utilizado por alguns quando visitam seus parentes na outra margem do rio Tacutu, na Guiana, e para se comunicarem com os não índios daquele país. O termo Wapixána refere-se ao conjunto de vários subgrupos indígenas pertencentes à família lingüística Aruák, que passaram por processos de fusões ou absorções, e hoje assim se autodenominam, formando o segundo maior grupo indígena de Roraima. "Hoje sobrevivem só duas subdivisões: *Wapixána verdadeiro e Atoariú*" (CENTRO DE INFORMAÇÃO DIOCESE DE RORAIMA, 1989:70. *Índios de Roraima. Macuxi, Taurepang, Ingarikó, Wapixána*. Coleção Histórica-Antropológica n° 1. CIDR, Boa Vista). Em termos espaciais, segundo Farage (FARAGE, Nádia. *As Flores da Fala. Práticas Retóricas Entre os Wapixána*. USP, 1997. Tese de Doutorado, pg. 17), o território Wapixána atual se estende em sentido leste-oeste, de 1° a 4° N Lat. e 58° a 62° W Long., compreendendo do vale do rio Uraricoera ao vale do rio Rupununi, na Guiana. Em território brasileiro, as aldeias Wapixána se dispõem do rio Uraricoera ao rio Tacutu. Na Guiana, as aldeias concentram-se entre os rios Tacutu, Rupununi e Kwitaro, limitando ao norte, nas montanhas Kanuku, com o território Makuxi; ao sul, sua ocupação se estende à vizinhança do território WaiWai. Segundo o CIDR (já citado, 1989:71) podemos dizer que a população Wapixána ocupa três áreas geográficas distintas: Surumu - Cotingo, onde os Wapixána se uniram e misturaram com os Makuxi, possuindo três malocas no meio daquele povo; Taiano - Amajari, com treze malocas espalhadas à beira dos rios Uraricoera, Amajari, Parimé e Igarapés afluentes destes rios; e finalmente Serra da Lua - Rupununi, com dezoito malocas entre os rios Branco, Quitauaú (no Brasil) e Rupununi (na Guiana). Esta divisão geográfica pode abarcar as três feições da cultura Wapixána atual: as malocas da região Surumu - Cotingo receberam maior influência dos Makuxi e a mistura entre estes povos é mais presente; Taiano - Amajari, onde as malocas do Taiano são mais influenciadas pelos brancos e do Amajari pelos Makuxi; as da Serra da Lua - Rupununi recebem influências distintas, sendo as da Serra da Lua mais influenciadas pelos brancos e as do Rupununi mantêm mais as suas tradições. Quanto aos dados demográficos e em termos da população Wapixána, tanto aquela do Brasil quanto da Guiana, em 1983, segundo o CIDR (já citado, 1989:71), a população no Brasil seria de 3.500 indivíduos, mais 700 vivendo espalhados na região, e na Guiana, para o Jesuíta Patrick Connors (1982), seria de 8.000 pessoas, ainda segundo o CIDR (já citado, 1989:71). Farage (já citado, 1997:18) estima esta população entre 10.000 a 11.000 indivíduos. Em área brasileira, 3.000 a 4.000 indivíduos em aldeias e 1.000 em cidades e fazendas. Para a Guiana, segundo a autora, a estimativa mais recente é de J. Forte (1990) em tomo de 6.000 indivíduos, entre população aldeã e citadina.

Antes da chegada dos povos Karib, empurrados pelos espanhóis, as regiões do rio Branco foram invadidas por povos Aruák que chegaram do sudoeste. Entre estes estavam os Wapixána. A época a área Wapixána estendia-se da bacia do rio Uraricoera até o rio Surumu (Armellada, 1960:18. In CIDR, já citado. 1989:70), incluindo a ilha de Maracá. Com a chegada dos Karib e, particularmente, dos Makuxi, os Wapixána tiveram que defender o próprio território. No curso desta longa inimizade, que continuou até a metade do século XIX, os Wapixána foram obrigados a recuar para o sul, fixando-se na área que ocupam atualmente (CIDR, já citado. 1989:70). Em período anterior à chegada dos europeus, os povos indígenas do rio Branco mantinham extensa rede de relações com outros povos da região e de mesma língua, e também com povos de regiões distantes e línguas diferentes, abrangendo do Amazonas ao Orinoco. As relações fluíam das guerras às alianças, do comércio às trocas matrimoniais, em um processo de fusões e cisões, extinguindo-se alguns grupos e formando-se outros. A chegada dos colonizadores "brancos" induziu nesta rede novas alianças e pôs fim a outras, além de introduzir mercadorias novas, principalmente os objetos de metal. Os holandeses interferiram através do tráfico de escravos índios, trocados por mercadorias com povos Karib. Com o tempo os "brancos" participaram permanentemente do sistema, embora os indígenas continuassem a se relacionar também independentemente deles. Das guerras a mais longa e mais importante para a definição do território do rio Branco foi a dos Makuxi com os Wapixána. Durou até meados do século XIX. Hoje a convivência amistosa se impõe. A presença portuguesa teve como objetivo a conquista territorial, o aprasamento e a escravização das populações indígenas, através das "Entradas". Também missionários Carmelitas tiveram a missão de guardar a fronteira das infiltrações espanholas, e não havendo povoados portugueses, segundo o CIDR (já citado, 1989:10) "aproveitavam as Entradas para capturar escravos e levá-los ao rio Amazonas". Segundo Farage (FARAGE, Nádia. 1991:164-68. *As Muralhas dos Seritões. Os Povos Indígenas no rio Branco e a Colonização*. Paz e Terra; ANPOCS. Rio de Janeiro), foram várias as Entradas em busca de escravos índios que teriam como destino o Amazonas e Pará. A região prestava-se igualmente às atividades extrativistas obtendo-se madeiras e resinas, salsaparrilha e cacau, além da viração de tartarugas e a pesca, destinadas ao mercado da Capitania do rio Negro. Mas a importância do rio Branco fundou-se à época mais pelo suprimento de escravos e sua posição estratégica para o Estado. Formalmente, as Entradas seriam proibidas em 1755 dando início à nova estratégia portuguesa para a área, pois eles temiam o avanço dos holandeses e espanhóis. Essa estratégia, de cunho eminentemente militar, consistiu na instalação pela Coroa portuguesa, do Forte São Joaquim no ano de 1775, situado à margem direita do rio Tacutu, na confluência com o rio Uraricoera. Além do Forte, tiveram início os aldeamentos indígenas. Foram oficialmente instalados em 1777 os aldeamentos N. S. da Conceição, S. Antônio, S. Felipe, S. Bárbara, S. Isabel e N. S. do Carmo que contavam com índios de diversas etnias e regiões, somando um número de 1019 em 1777. Os Wapixána concentravam-se nos aldeamentos N. S. do Carmo e N. S. da Conceição (F.X. Ribeiro de Sampaio, (1977) 1872:273. In: FARAGE, Nádia. Já citado, 1991:124). Eles fixavam a mão-de-obra indígena, utilizada nos serviços de manutenção portuguesa no rio Branco, além de prestarem serviços no rio Negro, para o Estado ou particulares. O recrutamento dava-se através dos "principais", intermediários índios aliados. A opressão do cotidiano levou a que logo eclodissem revoltas. Nenhuma tentativa de reverter a situação alcançou êxito, determinando na prática o abandono desta política em 1795. A questão dos limites internacionais favoreceu novas formas de ocupação, pois desde 1842, a disputa entre Brasil e Guiana deu-se mais por via diplomática. No século XIX, embora fosse a mão-de-obra indígena formalmente livre, seu recrutamento forçado continuou a existir, canalizada para as povoações do rio Negro. A demanda cresceu com a exploração do caucho e da balata no baixo rio Branco nos anos 50 do século XIX. O recrutamento provocou a crescente retração territorial dos povos indígenas, em busca de territórios de refúgio. "Pão, pano e pau", dizia o provérbio local, era do que necessitavam os índios (Coudreau, 1887, ix:326 in FARAGE, Nádia & SANTILLI, Paulo. 1992:270. "Estado de Sítio. Territórios e identidades no Vale do rio Branco". In: CUNHA, Manoela C. da. (org). História dos índios no Brasil. Companhia das Letras; SMCS. São Paulo). A utilização da mão-de-obra indígena persistiu no quadro da economia pecuarista que se instalou nas últimas décadas daquele século, e a ocupação se iniciou com a chegada de colonos civis na segunda metade do século XIX, consolidando esta economia, espoliando territórios indígenas e redefinindo o contorno sociológico da área, onde a ocupação de terras se fez acompanhar de mecanismos de arregimentação da população indígena para as camadas mais baixas da sociedade regional.

Da experiência colonial restou apenas essa forma incipiente de exploração econômica representada pela pecuária extensiva, uma iniciativa de fins do século XVIII, que partiu do Governador da Capitania do rio Negro, Manoel da Gama Lobo D'Almada, criando a fazenda da Coroa, denominada São Marcos. A elas se somaram mais duas, São José e São Bento, que na virada do século estavam nas mãos de particulares. Porém logo passaram ao Estado, por não haverem herdeiros ou terem ido a leilão, sem compradores. Em 1878, já estavam na condição de próprios nacionais, sendo arrendadas por nove anos ao Comendador Antônio Lemos Pereira Bastos. Sebastião Diniz se tomou concessionário do arrendamento que depois passou à firma J.G. Araújo, credora do seu espólio, consolidando-se o esbulho. Toda a extensão das fazendas recobria territórios indígenas, como mostra o mapa de E. Estradelli, o registro mais fiel sobre a ocupação indígena da região no início do século. A pecuária em fins do século XIX era de subsistência, complementar ao extrativismo. No início deste século a ocupação dos campos pela pecuária consolidou-se, e nos anos quarenta atingiu o norte do território. O gado passou a significar índice de ocupação de terras e se estabeleceu a disputa entre colonos e índios. Uma terra mesmo que ocupada por índios, sem gado, era considerada sem dono, podia ser ocupada. Marcam esta época a transferência ao SPI das Fazendas Nacionais, a chegada dos Missionários Beneditinos e do etnólogo Koch Grunberg. A aprovação da Lei n° 941, de 1917, do Governo do Estado do Amazonas, autorizou o Governador a conceder como posses imemoriais havidas por ocupação primária todas as terras possuídas por índios "selvagens" ou "semi-civilizados", para seu domínio e aproveitamento, excluídas as já ocupadas e cultivadas por qualquer pessoa que tivesse residência habitual e cultura efetiva. Mas segundo o CIDR (já citado, 1989:30) todas as terras Wapixána já estavam ocupadas por "brancos". Na Guiana os ingleses tinham então um bom relacionamento com os Makuxi, mas no rio Branco o Marechal Rondom visitou a região (1927) e constatou ser outra a situação. A Guiana procurava atrair todos os índios da

região e o Brasil os obrigava a expatriarem-se. Após a visita, entretanto, o SPI diminuiu sua atuação e em 1940 ela praticamente já não existia. A época acelerou-se a invasão do norte por garimpeiros e fazendeiros.

Iniciou-se na década de vinte deste século, a exploração mineral, com reflexos até hoje para as populações indígenas de Roraima. A região mudou também com a criação em 1943 do Território do Rio Branco, havendo incremento no aporte de capital. Em 1962, as mudanças se aceleraram ainda mais com a alteração de Território do Rio Branco para Território Federal de Roraima e com a capitalização do meio rural, a construção da BR-174, o aporte de recursos externos e a abertura de garimpos de ouro. A preocupação do regime militar com a segurança das fronteiras gerou recomendações como: uma terra indígena não deveria ser contígua a outra; abarcar duas margens de um mesmo rio; ser superior a 100.000 ha e seu limites não deveriam ficar próximos às faixas de fronteiras internacionais. A população de Roraima subiu de 18.116 habitantes em 1950 para 262.200 em 1995. Em 1988, com a publicação da Constituição Federal, o Território Federal de Roraima passou à condição de Estado da Federação.

Por outro lado, alterações políticas na Guiana tiveram peso na morfologia dos Wapixána e atingiram a Terra Indígena Moskow. Em 1968, a Guiana tornou-se independente. Realizou-se eleições e Forbes Burnham, apoiado pelos Estados Unidos e Inglaterra, venceu-as, apesar das denúncias de fraude. Mas ele deixou os aliados e juntou-se ao bloco soviético. Fazendeiros brancos do Rupununi apoiaram a UF - United Force - pequeno partido de direita, e rebelaram-se. Entre eles estavam os Melville, cuja aliança com os Wapixána os levou a apoiá-los. Dois dias depois a rebelião terminou debaixo de bombardeios e da ação do exército. Muitos Wapixána atravessaram nadando o Tacutu em busca de refúgio nas aldeias brasileiras (Farage, já citado. 1997:55-56). Fluxo populacional significativo em direção às aldeias no Brasil veio então a se configurar adentrando pela década de setenta.

É pois no panorama da ocupação dos campos de Roraima pela pecuária extensiva, associada à proximidade de fronteiras e à capitulação dos povos indígenas da região frente à escravização, doenças, ações religiosas, truculências e políticas de governos, que se insere a Terra Indígena Moskow tal como ela se encontra. Também o vale entre os rios Tacutu e Branco, onde se situa a Terra Indígena em tela, experimentou grande crescimento da invasão dos territórios indígenas por fazendas e após a década de 40 por estradas, garimpos, vilas e cidades. As ocupações não indígenas da região da serra da Lua, encontram fundamentação jurídica em titulações advindas do esbulho de terras públicas, na posse simples e pura legitimada na pecuária extensiva e/ou no não reconhecimento dos direitos indígenas sobre as terras por eles ocupadas. As informações sobre os povos indígenas de Roraima não deixam dúvidas a respeito da imemorialidade da presença deles na região, mormente Wapixána e Atoraiú, e relatos diversos confirmam esta ocupação na serra da Lua. Não bastasse a efetiva ocupação Wapixána na TI Moskow, temos a corroborar sua imemorialidade milhares de Wapixána habitando as terras indígenas localizadas ao redor, como Manoá-Pium, Muriru, Jacamim, Tabalascada, Malacacheta e outras. As terras indígenas em Roraima são só partes de territórios mais amplos retalhados pelas causas mencionadas. A presença Wapixána ultrapassa a fronteira destas terras estando presente nas fazendas e nas cidades. Em Boa Vista bairros inteiros são formados por indivíduos e famílias indígenas do Estado, que em parte abandonaram a identidade étnica ou não a assumem por medo de represálias dos regionais. A TI Moskow é fruto deste processo. O usufruto de seus recursos é devido aos Wapixána pelo direito originário, fundado no estatuto jurídico do indigenato. Os depoimentos dos índios Wapixána e Atoraiú confirmam a tradicionalidade da ocupação indígena na área e sua imemorialidade, e denotam a existência de mecanismos forjados com intuito de se apropriar das terras indígenas ou de se conseguir mão-de-obra barata, como é o costume do compadrio entre fazendeiros e índios, ou ainda o de se pedir filhos de índios para serem criados nas fazendas. Quando o índio Wapixána Cicero Pereira da Silva, nascido em Tabalascada, se instalou no local com sua esposa, mãe, padrasto e irmãos, não havia nenhum ocupante não índio no local, apenas malocas antigas abandonadas.

A configuração de algumas terras indígenas de Roraima nos remete à situação de territórios de refúgio, tal como definido por Coudreau (Coudreau, 1887, ix:277, 289, passim. In: Farage e Santilli, já citado. 1992:270). A nosso ver, frente à enorme pressão dos não índios sobre o território Wapixána, a Terra Indígena Moskow enquadra-se nesta definição.

II - HABITAÇÃO PERMANENTE

A T.I. Moskow é habitada pelos Wapixána e desde 1980 também pelos Atoraiú da TI Muriru, de lá retirados compulsoriamente pelo administrador da então Administração Regional da FUNAI em Boa Vista. A população é de 272 habitantes (1997) incluídos 51 Atoraiú que devem retornar à T.I. Muriru, devendo permanecer apenas aqueles casados com índias Wapixána e alguns outros. Segundo Souza (SOUZA, Marcos Alves de. 1998. *Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Muriru*. Processo FUNAI/BSB nº 3435/81) a convivência forçada faz com que a Terra Indígena Moskow fique sobrecarregada pelo adensamento populacional, pois já existem posseiros e fazendeiros a pressioná-la, e que os Atoraiú sintam-se constrangidos por estarem em terra "alheia". Suas casas ficam geralmente na periferia da maloca Moskow. As casas da maloca se espalham por um raio de dois a cinco quilômetros, ligadas por trilhas. O "centro" é constituído pelas construções da escola, da igreja, do malocão comunitário, do posto indígena e enfermaria, da caixa d'água, do cata-vento, do motor de luz, de um segundo malocão e pelas poucas casas familiares ao redor. A aldeia tem aproximadamente 40 casas onde residem as famílias nucleares, espalhadas até a proximidade do Igarapé Caraçai. Daí até o Igarapé Manoá é a faixa ocupada pelos posseiros da "Colônia São Domingos" (local da antiga aldeia São Joaquim) e pelo fazendeiro Wassilak, que não permitem a utilização pacífica pelos índios dessa porção de terra. O local já foi palco de grave conflito entre índios e invasores. O centro da aldeia fica próximo ao Igarapé Deus-é-Pai e à mata Moskow.

Existiram várias malocas Wapixána e Atoraiú onde é Moskow, abandonadas por doenças ou morte entre os índios e pela pressão de posseiros e fazendeiros. A antiga maloca São Joaquim não deixa dúvida acerca da ocupação indígena da área antes de qualquer não índio. O local que constitui o "miolo" ou "centro" da aldeia também já abrigou uma antiga maloca. Tempos atrás os Wapixána deslocavam as malocas de lugar pelo esgotamento de terras férteis, escassez da caça e da pesca ou por motivo de doença e morte. Hoje os índios não têm para onde mudar pois a terra indígena está invadida por posseiros, fazendeiros e pela Colônia São Francisco, implantada pela ação direta do Governo do antigo Território Federal de Roraima. As casas são de pau-a-pique, cobertas com palha de buriti. Na frente ou ao lado está o telheiro, coberto de palha e aberto dos lados. Em volta terreiros limpos, plantados com árvores frutíferas ou sombrietas e plantas com fins medicinais ou rituais. Próximo às casas são criados os animais de pequeno porte. A escolha dos locais para construção das casas obedece aos seguintes critérios: a) ser área de lavrado, em locais altos, denominados *tesos*. O lavrado é por excelência o lugar de construção de casas pelos Wapixána; b) ficar a certa distância umas das outras; c) localizar-se preferencialmente vizinhas às casas dos parentes; d) contar com fonte de água próxima e; e) não ficar muito distante das roças, quando possível.

III - ATIVIDADES PRODUTIVAS

As atividades de subsistência, desenvolvidas pelos índios Wapixána são a agricultura, a coleta, a caça, a pesca, as atividades criatórias, o pequeno comércio e a venda de mão-de-obra nas cidades e nas fazendas. A unidade básica de produção é o grupo doméstico, constituído pela família nuclear, mas pode envolver outras famílias ou parentelas, formando uma rede de solidariedade. Exemplo é o *ajuri*, um mutirão. Nele se alguém é ajudado deverá retribuir o auxílio. III.1. Agricultura: A região é marcada por duas estações climáticas bem definidas, o inverno, período das chuvas, e o verão, período da seca. O inverno ocorre entre os meses de abril a outubro e o verão entre novembro e março. Esta sazonalidade determina o ano agrícola Wapixána. Além de plantarem nas roças, os Wapixána plantam também no terreiro de suas casas, nos "quintais". As roças são abertas nas "ilhas" de mata que se espalham pelo lavrado. As ilhas estão distribuídas em praticamente toda a extensão da terra indígena, porém disputadas com inúmeros invasores. As fases da preparação das roças são: escolha do local, broca e derrubada, queima e coivara, plantio, tratos culturais, colheita e pousio (CRUVINEL, Noraldino Vieira. 1998. *Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Jacamim*. Processo FUNAI/BSB nº 914/81). Cada família possui pelo menos duas roças, uma em produção e outra sendo preparada para substituí-la. A dimensão é variável, de um a dois hectares. Planta-se a mandioca, o milho, o arroz, o feijão, a cana de açúcar, a batata, o inhame, o mamão, a banana, a pimenta, hortaliças e legumes. O destaque é a mandioca. Seu excedente, na forma de farinha, é comercializado na Feira do Produtor, em Boa Vista, e o dinheiro utilizado na compra de produtos que não produzem. A farinha é produzida na própria roça, na "casa de farinha", e os artefatos utilizados são feitos, em boa parte, pelos próprios índios. Já a roça comunitária é experiência recente e sua

implantação se deu por influência de missionários da Igreja Católica. As decisões de onde e o que plantar são tomadas nas reuniões, coordenadas pelo Tuxaua. O cultivo nos "terreiros" é principalmente o de árvores frutíferas ou que dão sombra e de plantas destinadas a usos medicinais ou rituais. As frutíferas mais plantadas são o caju, a manga e os cítricos em geral. III.2. Coleta: é praticada ao longo de todo o ano por todos, independente da idade ou sexo. Ocorre em toda a área, sendo comumente uma atividade associada a outras como a caça e a pesca. Exceção à madeira e à palha para cobertura das casas. São muitos os produtos coletados, sendo destinados principalmente à alimentação, construção de casas, cercas, currais, artesanato, usos rituais e medicinais, entre outras. III.3. Pesca: a escassez de pescado na área tem levado os índios a utilizarem a tarrafa, a rede e o timbó nas pescarias. Pescam mais no Cumacá e no Manóá. Peixes de maior porte ou em maior quantidade são capturados no rio Tacutu, fora da terra indígena, distante cerca de 28 Km da maloca. Pescam também nos pequenos lagos formados no lavrado durante a estação do verão. Em 1997 era grande a expectativa da comunidade quanto à construção de um açude voltado para a piscicultura. Esperam que com isto o fornecimento de peixe aumente. Os peixes mais pescados na área são a traíra, o cará e o cascudo (jijó). III.4. Caça: vem perdendo espaço na alimentação indígena porque está desaparecendo, principalmente as de grande porte. Os lugares para caçar são a mata do Moskow, as ilhas de matas e as matas ciliares dos igarapés. Animais menores são encontrados nos campos, bebendo água ou nos barreiros. É atividade masculina, praticada pelos homens em idade adulta. Os animais citados foram o veado, a anta, o caítiu e o queixada, tatu, jacu, jabuti, arara, paca e cotia. A reduzida oferta de caça levou os Wapixána a desenvolverem atividades criatórias. III.5. Pequeno comércio: praticam o comércio em pequena escala para adquirirem produtos que não produzem. A maioria das famílias produz excedente para comercialização. A participação na feira foi iniciativa da FUNAI e do Governo do Estado, cujos resultados foram vistos com reserva por entidades indigenistas não governamentais, pois provocaria desequilíbrio na economia interna da aldeia. III.6. Venda da mão-de-obra indígena: ainda hoje parte da economia de Roraima assenta-se sobre ela, nas fazendas ou nas cidades. Aos indígenas são destinados os trabalhos mais pesados e os salários mais baixos, na maioria das vezes sem direitos trabalhistas. Nas fazendas atuam como vaqueiros pois tiveram os primeiros contatos com o gado há dois séculos. Nas cidades trabalham em variados segmentos da economia, formal ou informal. III.7. Atividades criatórias: as desenvolvidas pelas famílias se dão em pequena escala, perto da própria residência, pois os animais criados são pequenos, tais como galinhas, galinhas d'angola, porcos, patos e ovelhas, que se destinam ao consumo das famílias e à comercialização. A criação comunitária restringe-se ao gado bovino, que pertence à toda a maloca e possui uma significação simbólica mais importante do que a econômica, visto que o gado se tomou na região índice de riqueza e adquiriu o status de elemento comprobatório da ocupação efetiva do solo. Não possuir gado significa não ocupar "racionalmente" ou não ocupar a terra. Em Roraima há um ditado que diz: *terra sem gado, terra sem dono*. Com esta atividade, não podem os posseiros, fazendeiros e políticos de Roraima dizerem que os índios não criam gado e portanto não precisam das terras que ocupam. O gado hoje é parte de uma estratégia vitoriosa de afirmação étnica das populações indígenas da região. O rebanho também assegura uma reserva para situações de emergência, quando então uma ou outra cabeça é vendida. Além disso, fornece pequena quantidade de leite para a comunidade. III.8. Cantina comunitária: introduzida pela Igreja Católica face os índios terem de comprar os produtos de primeira necessidade nas fazendas vizinhas por preços absurdos. A pouca experiência com o comércio, mesmo mínimo, prejudicou o empreendimento. Com a implantação da Colônia S. Francisco e a abertura de estradas ficou mais fácil adquirir produtos nestes locais a preço de mercado. III.9. Relação com a sociedade envolvente e outros grupos indígenas: os índios da TI Moskow mantêm contato permanente e amistoso com os de outras terras indígenas de Roraima. A relação se dá pelos casamentos, visitas aos parentes, trocas, festas e através de entidades das quais participam. Com os Makuxi as relações são boas, estreitas o bastante para existirem casamentos entre eles ou morarem em aldeias ou terras indígenas de população mista, como é o caso da vizinha Manóá - Pium. As relações com a sociedade regional são mais complicadas. A invasão de terras é o problema mais próximo, porém não esgota os conflitos entre não-índios e índios, cujas relações são permeadas por feroz discriminação sobre os últimos, desembocando em violência. Ocorrem ameaças, assassinatos, espancamentos, estupros, queimas de casas ou de retiros para a criação de animais, compra de votos em eleições, prostituição de índias e outras formas de sua manifestação. A situação forjada pelo contato os coloca na base da pirâmide social, abaixo dos nordestinos e garimpeiros, fazendo com que tentem camuflar ou esconder a identidade étnica, temerosos de represálias. São comuns acusações de que invadem "terras de fazendeiros", matam bois, fazem arruaças e não trabalham. Elas partem inclusive daqueles que em época de eleições não dispensam seus votos. Os Wapixána são conhecidos como os "cabocos da Guiana" ou "índios ingleses", termos usados pejorativamente pelos regionais. Na Terra Indígena Moskow são fartos os casos de ameaças, violências e abusos contra os índios.

IV - MEIO AMBIENTE


O Estado de Roraima possui uma climatologia classificada como tropical subúmido e equatorial úmido, com temperatura bastante regular, variando entre 20° e 38° Cécius para a parte do território com altitude mais próxima ao nível do mar, e uma média de 18° C para altitudes entre 800 e 1000 metros. Entre os estados da Amazônia, o de Roraima apresenta a maior diversidade de fisionomias vegetais, classificadas em oito tipos distintos: florestas ombrófilas tropicais de baixa e média altitudes, florestas densas de montanha, florestas abertas com e sem palmeiras, floresta tropical estacional semidecídua, mosaico floresta tropical densa, savanas, campos limpos do rio Branco e refúgios (Tepuis). As savanas têm sua maior extensão no centro-norte do Estado. Nestes campos ocorrem solos permanentemente úmidos ao longo dos igarapés onde desenvolvem-se as matas de galeria que as vezes se resumem a filetes de buriti, paisagem típica do Estado. Segundo o técnico ambiental do GT, a ocupação do Estado pela pecuária extensiva é um equívoco que gera um grande impacto ambiental irreversível, só recuperável a longo prazo e a alto custo. Este modelo se repete na agricultura com a utilização de tecnologia energia-intensiva de pouca sustentabilidade. O meio ambiente da terra indígena assume particularidades para a região de Boa Vista. Podemos afirmar que a cobertura vegetal é resultado de forte atuação antrópica causada pela exploração de madeiras nobres, extrativismo da balata, atividade pecuária e mesmo influência das sociedades que aí se estabeleceram utilizando-se de seus recursos naturais para a sua sobrevivência autóctone. São citadas como principais unidades endêmicas de recursos: os balatais, os buritizais, os lagos temporários das cabeceiras de drenagem, as matas de igapó e os bacabais, ilhas de mata e os tesos. Os recursos hídricos estão disponíveis com limitações. O buriti merece destaque oferecendo a possibilidade de se ter uma cobertura de casa mais durável, além de utilizado para alimentação, artesanato e completar o fornecimento de alimento para animais silvestres. Segundo o técnico ambiental do GT a pecuária e a Colônia S. Francisco representam um impacto permanente e propõe estudo de alternativas de desenvolvimento etno-sustentável para a área.

V - REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL

Dados sobre natalidade/mortalidade: Sabe-se que a maioria dos povos indígenas que habitavam o rio Branco experimentaram grande depopulação e alguns desapareceram, vitimados por doenças, epidêmicas ou não, porém o recrutamento forçado da mão-de-obra indígena certamente foi decisivo nas mudanças da composição demográfica da região, resultando também em migrações forçadas destas populações, vitimadas por sevícias. Atualmente a população indígena está aumentando em Roraima, provavelmente face às facilidades de atendimento médico, inclusive nas aldeias. Também a preparação de enfermeiros e a facilidade de transporte dos doentes são apontados como referências deste crescimento. Os dados disponíveis no Processo FUNAI/BSB nº 3438/81, acrescentados aos da listagem preparada pelos auxiliares de enfermagem do Posto Indígena da aldeia nos permitem concluir que nas últimas duas décadas a população dessa terra indígena praticamente duplicou. Em 1982, ela era de 145 indivíduos, sendo 20 Atoraiú, oriundos do Muriru. Em 1998, esse número subiu para 272, contando os Atoraiú.

Aspectos cosmológicos, áreas de uso ritual: a maloca possui apenas um cemitério, situado perto da área central. Antigamente costumava-se fazer os enterros dentro das próprias casas, que depois eram queimadas e abandonadas. Porém a diminuição dos territórios e a ação da Igreja Católica alteraram este costume. A religião praticada na aldeia é a católica e as missas são rezadas em português, Wapixána ou Makuxi por índios preparados pela catequese. Segundo os Wapixána, existe um princípio vital denominado udurona, que se encontra presente inclusive nas plantas, que as torna portadoras de alma. As plantas têm grande importância para os rezadores, Popazos, e para os xamãs, marinaos. Estes últimos, além de detentores de vasto repertório de encantamentos,

Diretoria de Assuntos Fundiários - DAF
 Departamento de Demarcação - DED
 Memorial Descritivo de Delimitação
 Denominação
Terra Indígena MOSKOW
 Aldeias Integrantes
 Maloca Moskow
 Grupos Indígenas
 Wapixana
 Localização

INSTITUTO

Documentação
 SOCIOAMBIENTAL
 Fonte DOO
 Data 10/01/2000 Pg 6
 Class. 311.033.001.001

Município: Bonfim
 Administração Executiva Regional: Boa Vista

Estado: Roraima

Extremos	Coordenadas dos Extremos	
	Latitude	Longitude
NORTE:	02°50'35" N	60°13'12" Wgr
LESTE:	02°42'05" N	60°06'01" Wgr
SUL:	02°39'39" N	60°07'15" Wgr
OESTE:	02°50'19" N	60°14'02" Wgr

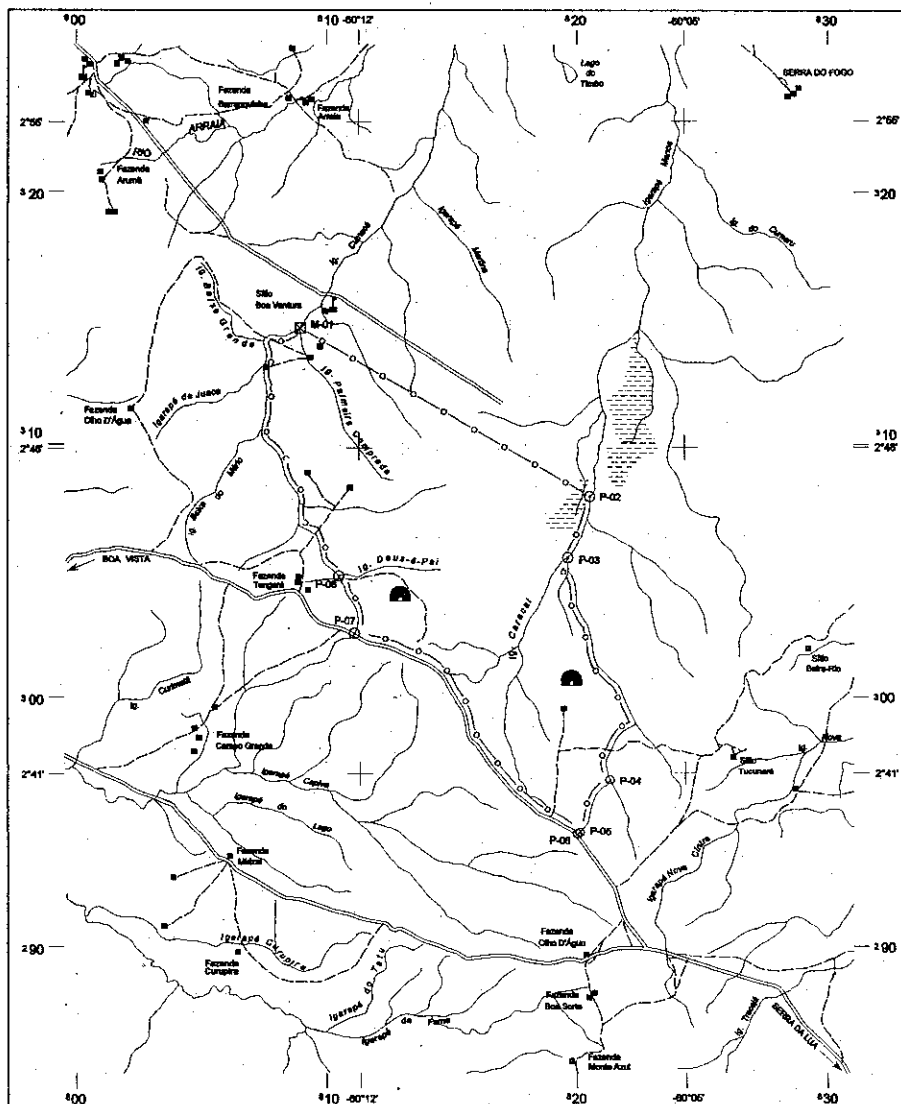
Nomenclatura	Base Cartográfica		Órgão	Ano
	Escala	Dimensões		
NA.20-X-D-III	1/100.000		DSG	1980

Superfície: 14.200 ha (quatorze mil e duzentos hectares) aproximadamente
 Perímetro: 56 km (cinquenta e seis quilômetros) aproximadamente

Descrição do Perímetro

NORTE: Partindo do Marco 01, de coordenadas geográficas aproximadas 02°50'35" N e 60°13'12" Wgr., localizado na margem direita do Igarapé Cumacá; daí, segue em linha reta, até o Ponto 02, de coordenadas geográficas aproximadas 02°46'56" N e 60°06'57" Wgr., localizado na margem esquerda do Igarapé Manoá; LESTE: Do ponto antes descrito, segue pelo referido igarapé, a montante, até o Ponto 03, de coordenadas geográficas aproximadas 02°45'36" N e 60°07'28" Wgr., localizado na confluência com o Igarapé Caraçai; daí, segue continuando pelo Igarapé Manoá, a montante, até o Ponto 04, de coordenadas geográficas aproximadas 02°40'51" N e 60°06'33" Wgr., localizado na confluência com um Igarapé sem denominação; daí, segue por este, a montante, até a sua cabeceira, no Ponto 05, de coordenadas geográficas aproximadas 02°39'41" N e 60°07'12" Wgr.; daí, segue em linha reta, até o Ponto 06, de coordenadas geográficas aproximadas 02°39'39" N e 60°07'15" Wgr., localizado na margem de uma estrada de acesso a Boa Vista; SUL: Do ponto antes descrito, segue pela referida estrada, até o Ponto 07, de coordenadas geográficas aproximadas 02°43'59" N e 60°12'01" Wgr., localizado na cabeceira do Igarapé Braço do Açaí (Cumacá); OESTE: Do ponto antes descrito, segue pelo referido igarapé, a jusante, até o Ponto 08, de coordenadas geográficas aproximadas 02°45'13" N e 60°12'23" Wgr., localizado na confluência com o Igarapé Deus é Pai (deste ponto em diante, o citado igarapé passa a ser denominado Igarapé Cumacá); daí, segue por este, a jusante, até o Ponto 01, onde iniciou este perímetro. Técnico responsável pela identificação dos limites: Luis Antônio dos Santos, Engenheiro Agrimensor, CREA-SP 5060726120.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍndIO - FUNAI DIRETORIA DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS - DAF		DELIMITAÇÃO	
TERRA INDÍGENA MOSKOW	BONFIM	RORAIMA	BOA VISTA
Nº do Processo: 14.200/00	Escala: 1:200.000	Data: 28/12/99	Base Cartográfica: FUNAI/IBGE/USBR - NA.20-X-D-III
Autorização: 1186/PRES/97		Assinatura: Luis Antônio dos Santos	



- SINAIS CONVENCIONAIS**
- TERRA INDÍGENA DELIMITADA
 - POSTO INDÍGENA - CAMPO DE POISSO
 - ALDEIA INDÍGENA - MALOCA INDÍGENA
 - MARCO DELINEIA - PONTO DE BALEITE
 - PORTO DELINEIA - DIREÇÃO DE CORRENTE
 - CASA - CASA DE FAMILIA
 - RODOVIA DE REVESTIMENTO SÓLIDO
 - RODOVIA TRANSITÁVEL O ANO TODO
 - RODOVIA TRANSITÁVEL EM TEMPO BOM CAMBIO
 - RIO PERMANENTE DO INTERMITENTE
 - LAGO OU LAGUNA - TERRENO SUJEITO A INUNDAÇÃO
 - LIMITE ESTADUAL - LIMITE MUNICIPAL